

TRAJETÓRIA ACADÊMICA E INSERÇÃO PROFISSIONAL DE ESTUDANTES E EGRESSOS DO CURSO DE AGRONOMIA DO IFSC CÂMPUS SÃO MIGUEL DO OESTE

Kataline Chiesa | <https://orcid.org/0009-0006-5664-5686>
Adinor José Cappellesso | <https://orcid.org/0000-0002-9833-672X>
Cherilo Dalbosco | <https://orcid.org/0000-0002-2223-5113>

RESUMO

Esta pesquisa foi conduzida junto a estudantes e egressos do Curso de Agronomia, do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Câmpus São Miguel do Oeste. A pesquisa teve como objetivo caracterizar o perfil dos acadêmicos e correlacionar a trajetória de formação com a inserção profissional, com ênfase no processo sucessório entre os oriundos de unidades agrícolas familiares. Em termos metodológicos, o levantamento de dados ocorreu por meio de um questionário fechado, respondido por 61 estudantes e 36 egressos. A análise dos dados permitiu verificar que 63,9% dos respondentes são oriundos de famílias rurais, aos quais se somam 28,8% sem ligações dos pais com a agricultura. A origem geográfica dos acadêmicos está concentrada em municípios situados a um raio de 60 km de São Miguel do Oeste. Os anseios em relação ao curso são similares entre os grupos com diferentes origens, persistindo muitas incertezas em relação ao futuro. Durante o curso, são comuns as mudanças de ideias sobre a ocupação profissional almejada. Após formados, enquanto aguardam oportunidades laborais, muitos assumem ocupações temporárias distintas dos seus anseios. Entre os oriundos do espaço rural, destaca-se a busca pela melhoria da propriedade da família e a continuidade como agricultor, sendo que um em cada dois egressos, objetivam assumir a condução dos empreendimentos familiares.

Palavras-chave: juventude, sucessão; agricultura familiar.

ACADEMIC TRAJECTORY AND PROFESSIONAL INSERTION OF STUDENTS AND GRADUATES OF THE AGRONOMY COURSE AT IFSC CAMPUS SÃO MIGUEL DO OESTE

ABSTRACT

Students and graduates of Agronomy at the Federal Institute of Santa Catarina (IFSC) - Campus São Miguel do Oeste joined this case study. The research aimed to characterize the profile of academics and to correlate their training trajectory with professional insertion, with an emphasis on the family farming succession process among those from rural units. In methodological terms, the data collection happened via closed questionnaires, with the target audience of 61 students and 36 graduates. Data analysis showed that 63.9% of respondents come from rural families, to which 28.8% have no parental links with agriculture. The geographical origin of the graduates/students is in municipalities located within a radius of 60 km from São Miguel do Oeste. The expectations regarding the course are similar among groups with different backgrounds, with many uncertainties regarding the future. Changes of mind about the desired professional occupation are common during the course year. After graduating, while waiting for job opportunities, many take on temporary jobs which differ from their aspirations. Among those from rural areas, the search for improving the family property and continuing as a farmer stands out, with one out of two graduates aiming to take over the running the family businesses.

Keywords: youth; succession; family farming.

Recebido em: 27/3/2023. Aprovado em: 8/11/2024.

Avaliado pelo sistema duplo-anônimo. Publicado conforme as normas da ABNT.

DOI: <https://doi.org/10.35700/2316-8382.2025.v15.3547>

1 INTRODUÇÃO

A colonização oficial do Extremo Oeste Catarinense (EOC) inicia na primeira metade do Século XX (Figura 1), ocupando a primeira gleba conferida a Brazil Railway Company como parte do pagamento pela estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande. Sem considerar as populações ali já estabelecidas, os 327.765 hectares (ha) foram segmentados pela ação de empresas colonizadoras (Bavaresco; Franzen; Franzen, 2013). Essas buscaram atrair descendentes de imigrantes europeus com a oferta de novas terras a preços inferiores aos praticados nos locais de colonização mais antiga, especialmente, do Rio Grande do Sul. Os lotes comercializados eram, geralmente, de 25 ha (“colônias”), o que explica a estrutura fundiária marcada por estabelecimentos de pequenas áreas, nos quais a produção e gestão se assentam na família. Mesmo após o êxodo rural de muitas famílias, o Censo Agropecuário de 2017 registra um total de 13.497 estabelecimentos, cultivando 322.566 ha nos vinte municípios (IBGE, 2019), o que resulta em tamanho médio de 23,9 hectares.

Figura 1 – Mapa adaptado da Região Imediata de São Miguel do Oeste



Fonte: Adaptado de IBGE (2019).

Em 2017, a agricultura familiar representava a forma típica de organização da produção, com 87,5% dos estabelecimentos, 64,6% da área e 74,2% do Valor Adicionado Bruto (VAB) agropecuário regional. Contudo, esse valor é mal distribuído, com 44,7% dos estabelecimentos alcançando 9,6% do valor da produção agropecuária familiar (<R\$ 50.000,00 anuais), o que contribui para a descontinuidade de muitos deles. Embora a renda não seja a única causa, no intervalo intercensitário 2006-2017 se registrou redução de 4.048 estabelecimentos familiares (25,5%), enquanto os não familiares cresceram em 311 unidades (22,7%) (IBGE, 2009; 2019). Os dados registram uma redução mais expressiva entre os estabelecimentos de área reduzida (até 20ha), fator de produção que limita a viabilidade econômica de diversas atividades e contribui para a falta de sucessores. A estrutura fundiária da região vem se transformando, marcada principalmente pelo fenômeno da falta de sucessores (Silvestro *et al.*, 2001; Mello *et al.*, 2003). Os dados de 2017 apontam que 16,9% dos chefes dos estabelecimentos familiares tinham mais de 65 anos, e 48,7% mais de 55 anos. Em consonância com o processo de envelhecimento da população rural, 9,8% das receitas da agricultura familiar são provenientes de aposentadorias e pensões. Essa modalidade de renda é registrada em 6.169 estabelecimentos (45,7%), os quais contam com ao menos um integrante do grupo familiar aposentado ou pensionista (IBGE, 2009; 2019). Aos enquadrados como agricultores familiares se somam outros estabelecimentos que também têm a gestão e sucessão centrada na família, mas que não fazem parte dessa categoria devido ao tamanho de área, proporção de mão de obra contratada, renda total ou local de moradia.

Existem diversos fatores que motivam a não continuidade dos estabelecimentos, os quais influenciam os potenciais sucessores no processo de criação de perspectivas de permanência ou saída do campo. Um tema que integra diferentes dimensões refere-se às oportunidades de formação dos filhos de agricultores para continuar na atividade. Diante da necessidade de desenvolver habilidades frente às demandas de mercado e às novas tecnologias, o acesso ao conhecimento técnico-científico por potenciais sucessores representa uma possibilidade para melhorar o desempenho econômico da unidade produtora (Silva, 2008). Se, de um lado, a qualificação tende a impactar de forma positiva nas reflexões sobre a continuidade das unidades produtivas, de outro, pode evidenciar limitações dos recursos no estabelecimento e promover oportunidades em distintas trajetórias profissionais.

No contexto de expansão na oferta de cursos de Agronomia, no Brasil, a quantidade de egressos tende a ser superior às oportunidades empregatícias clássicas. Segundo dados do Ministério da Educação, em 2021, eram ofertados 362 cursos de Agronomia no Brasil, com 94.984 vagas anuais, sendo 31.524 presenciais e 63.460 delas em Educação a Distância (EAD) (Brasil, 2021). Em paralelo, em agosto de 2021, os dados do Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea) apontavam 108.981 Engenheiros Agrônomos registrados e ativos no Brasil. Entre as mudanças no perfil de ocupação, acredita-se que haverá crescimento da atuação do Agrônomo na condição direta como produtor (CONFEA, 2021). Segundo o CREA regional, em 2021, a região EOC possuía 412 engenheiros agrônomos ativos. Em paralelo, registram-se três cursos presenciais de Agronomia na região, que ofertam no mínimo 180 vagas anuais. Caso todos os ingressantes concluíssem o curso e se adotasse o recorte de um agrônomo para cada 80 famílias, para atuação como assistente técnico e extensionista rural, os egressos de um ano atenderiam a totalidade dos agricultores. Nesse cenário, a migração e as novas ocupações apresentam-se como possibilidades aos egressos. Entre essas, a sucessão familiar configura uma opção de escolha profissional a ser considerada pelos acadêmicos, especialmente, os oriundos de estabelecimentos rurais ou de famílias com um negócio relacionado a atividades comerciais, ou de prestação de serviços de assessoria aos agricultores.

Enquanto reduzem-se as possibilidades de atuação profissional como extensionista rural, pouco se sabe sobre os reais anseios dos filhos e filhas de agricultores e demais ingressantes dos cursos de Agronomia. Breitenbach e Corazza (2019, p. 5) destacam a importância de “[...] compreender a tomada de decisão e as percepções de futuro dos jovens e das jovens filhos e filhas de agricultores que cursam a universidade”. Além disso, é necessário o entendimento acerca dos acadêmicos que não são oriundos de unidades agropecuárias para fins de compreensão do viés motivador da escolha do curso, se esses têm algum vínculo indireto com o setor agropecuário e as razões para a escolha dessa formação acadêmica. A problemática pode ser sintetizada na seguinte questão de pesquisa: as aspirações pela formação em Agronomia sofrem interferências ao longo da trajetória acadêmica quanto às escolhas de ocupação profissional dos egressos e concluintes do curso de bacharelado em Agronomia do IFSC - Câmpus São Miguel do Oeste?

O objetivo geral desta pesquisa foi: caracterizar as aspirações iniciais dos estudantes de Agronomia e analisar os impactos da trajetória acadêmica sobre a escolha de ocupação profissional dos egressos e concluintes do curso do IFSC - Câmpus São Miguel do Oeste. Para tal, procurou-se: (1) caracterizar o perfil dos educandos de Agronomia quanto à aspectos relacionados ao espaço geográfico e familiar de origem; (2) identificar aspirações que motivaram a escolha do curso de Agronomia e no IFSC - Câmpus São Miguel do Oeste SC; (3) identificar a pretensão de ocupação profissional dos estudantes e egressos do curso e sua relação com a trajetória acadêmica; e (4) inventariar impactos decorrentes da realização do curso de Agronomia sobre a participação do jovem oriundo de propriedades de gestão familiar no processo decisório, planejamento e sucessão da unidade agropecuária.

2 METODOLOGIA

O trabalho começou com a aprovação do projeto no comitê de ética para pesquisa com seres humanos (CAAE: 52545521.4.0000.0119). O levantamento de dados ocorreu entre novembro de 2021 e maio de 2022, por meio de questionário no *Google forms*, respondido por 61 estudantes ativos e 36 egressos de Agronomia do IFSC-SMO. O curso é ofertado desde 2016, com um total de 41 egressos até agosto de 2022 (duas turmas) e 101 estudantes ativos quando da realização da pesquisa. Os estudantes responderam durante as aulas, enquanto os egressos foram convidados por aplicativos de mensagens. Desse total, 39 estudantes e 23 egressos são oriundos do meio rural, aos quais o questionário conduziu a questões sobre os aspectos relacionados com o processo de sucessão. A resposta à problemática exigiu a construção de um instrumento de coleta de dados que contemplasse diversas variáveis, sintetizadas em questões como: Quais são os objetivos que motivam a busca pelo curso? Os jovens oriundos de unidades produtivas rurais concebem e constroem a formação em Agronomia orientada para a sucessão familiar na agropecuária? O curso consegue preparar os acadêmicos tanto para 'sair' quanto para 'ficar'? A formação altera as perspectivas e cria novas possibilidades de trajetória profissional? As relações familiares são afetadas pela trajetória no curso de maneira a propiciar espaços de diálogo e aprendizagem para o processo de gestão e desenvolvimento das unidades produtoras rurais? A formação desse acadêmico altera sua participação nas decisões? Em que medida as oportunidades externas de atuação conferidas pela formação podem afetar o processo sucessório? Existe uma distinção em relação às perspectivas de permanência no meio rural e sucessão familiar ligada à distinção de gêneros? Como as diferentes narrativas/ideias em torno da agropecuária interferem nas escolhas dos atores sociais? Os dados foram sistematizados em planilha eletrônica, realizando-se análise de frequência e cruzamento entre as diferentes respostas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor compreensão e organização dos dados, esta seção será dividida em duas partes. A primeira trata de uma caracterização do perfil e aspirações/motivações dos estudantes e egressos do curso de Agronomia do IFSC São Miguel do Oeste, relativas ao local de nascimento e residência; vínculo com o espaço rural e atividade agrícola; motivações para escolha do curso; melhorias apontadas, pretensões de atuação futura e atuação profissional do egresso. A segunda aborda as relações do curso de Agronomia com o processo sucessório e as questões de gênero, buscando caracterizar as unidades agropecuárias, envolvendo fatores como a dinâmica de ocupação e residência durante o curso; paradigma ficar/sair; escolha da ocupação profissional; configurações familiares; razões motivadoras para sair e ficar; atividades desenvolvidas e movimentação econômica; configuração de turmas; apontamentos de restrições pelo fato de ser mulher e sua relação com a atuação como agrônoma e sucessão no meio rural.

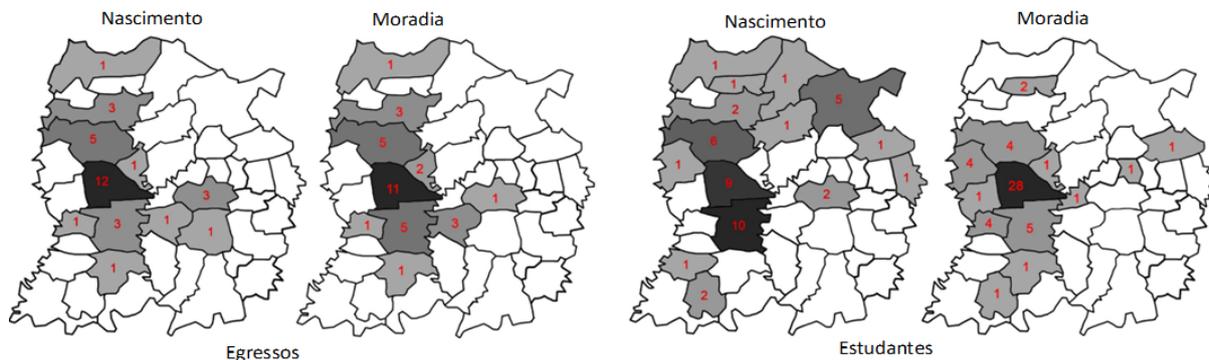
3.1 Perfil e aspirações/motivações dos estudantes e egressos do curso de Agronomia do IFSC – Câmpus São Miguel do Oeste/SC

A caracterização do perfil dos estudantes considerou diversas variáveis individuais e familiares. A origem geográfica permite evidenciar a importância da interiorização da rede federal. Ao se considerar o local de nascimento, 78,4% são naturais de municípios situados até 60 km do IFSC - Câmpus São Miguel do Oeste¹. Nas

1 Apesar do IFSC considerar área de abrangência 50 km, optou-se por adotar o raio de 60 km com o objetivo de abranger os extremos Norte e Sul da região Extremo Oeste Catarinense. Além disso, tal escolha se justifica pela ausência de outro curso de graduação gratuito nessa região.

primeiras turmas, tem-se 11% de egressos de fora desse raio, número que sobe para 28% nas mais recentes. Enquanto entre os egressos a maioria é natural de São Miguel do Oeste, Descanso e Guaraciaba, situados no entorno da sede do Câmpus (Figura 2), entre os estudantes, há um maior número de municípios atendidos quando comparado aos egressos. Entre as prováveis razões dessa mudança estão: a) na primeira turma, 50% ingressaram pelo Sistema de Seleção Unificada (Sisu) e 50% por vestibular, o que contribuiu para aumentar a proporção de estudantes da região; b) estudantes de outras regiões que ingressam pelo Sisu, muitas vezes, solicitam transferência para cursos mais próximos ao seu local de origem, diminuindo sua proporção entre os egressos; e c) o curso é recente e sua divulgação está se expandindo, aumentando a procura por pessoas que residem mais distante.

Figura 2 - Local de nascimento e de moradia dos egressos e estudantes do curso de Agronomia do IFSC Câmpus São Miguel do Oeste/SC.



Nota: Números indicam quantidade de egressos ou estudantes que nasceram ou residem na região, sendo agregado em tons de cinza segundo a frequência.

Fonte: Elaborada pelos autores (2024).

Sobre o local de moradia, observa-se uma concentração maior de estudantes que residem em São Miguel do Oeste. Enquanto os oriundos dos municípios com maiores distâncias da sede do Câmpus tendem a migrar para estudar, os mais próximos continuam morando em seus locais de origem, geralmente, com seus pais. O curso permite acesso a estudantes oriundos de unidades agropecuárias, sendo que 63,9% dos estudantes e egressos tinham ao menos um dos pais² na condição de agricultor. Outros 6,6% dos estudantes e 8,3% dos egressos tinham ao menos um dos pais com alguma ligação com a agropecuária - donos de negócios que prestam serviços e vendem ao setor agropecuário, trabalhadores como servidores públicos na área, empregados no setor e arrendador de terras. Por fim, 29,5% dos estudantes e 27,8% dos egressos não tinham relação dos pais com a agropecuária, o que indica a presença de um público heterogêneo a ser contemplado no processo formativo.

As distintas trajetórias de vida e a dinamicidade do setor levam a diversas motivações para o ingresso no curso de Agronomia do IFSC – Câmpus São Miguel do Oeste. Merece destaque o fato deste curso não cobrar mensalidade (gratuito), o que configura uma oportunidade para não ficar sem estudar. A isso se soma o gosto por algum tema do curso, a expressão econômica do agronegócio e a pretensão de atuar como agrônomo. Ao agregar a distinção quanto à origem familiar, visualizam-se elementos específicos (Tabela 1). No grupo dos oriundos do espaço rural (estudantes e egressos), aparecem a busca por uma capacitação para melhorar sua atuação e se preparar para ser agricultor, ou objetivando melhorar a unidade agropecuária da família. Nesse grupo, chama a atenção para a similaridade das respostas dos egressos e estudantes, o que indica uma continuidade do perfil já registrado em outras variáveis. Entre os que apresentam pais com outras ligações com

² Se ao menos um dos pais é vinculado à agricultura, existe vínculo direto com a produção, mesmo que o cônjuge possa atuar em área diversa.

a área, destacam-se a busca por preparação para dar seguimento ao negócio da família ligado à agricultura e a possibilidade de atuar como agrônomo diante da expressão econômica do setor. Já os urbanos (pais sem ligação com o setor) apontam avós/ancestrais como agricultores, expressão do setor, mais especialmente o gosto por estudar algum tema do curso (78,6%). Esses elementos individuais ocorrem de forma concomitante com motivações comuns entre estudantes e egressos e entre grupos com diferentes relações com o espaço rural.

Tabela 1 - Motivações da escolha do curso de Agronomia

Motivações	Origem (Estudantes e Egressos)		
	Espaço rural (62)	Urbano (28)	Ligação com área (7)
Gosto de estudar um tema do curso (ex. plantas, laboratórios, animais etc.)	61,3%	78,6%	57,1%
Penso em atuar como agrônomo (pois conhecia alguém e acha interessante)	61,3%	53,6%	71,4%
Oportunidade, por ser gratuito e não ficar sem estudar	58,1%	53,6%	42,9%
Pela expressão econômica do agronegócio, via uma oportunidade de trabalho	56,5%	60,7%	71,4%
Buscar capacitação p/ melhorar a propriedade rural da família	54,8%	10,7%	28,6%
Preparar-me para dar seguimento ao negócio da família (ligado à agricultura)	43,5%	3,6%	57,1%
Preparar-me para ser um agricultor/ produtor	41,9%	14,3%	42,9%
Meus avós e/ou outros ancestrais foram agricultores, o que me aproxima da área	35,5%	42,9%	57,1%
Conheço agricultores ou pessoas que atuam na área e vi uma oportunidade	22,6%	35,7%	42,9%
Complementar formação de outra graduação ou área que atuo	12,9%	25%	28,6%

Fonte: Elaborada pelos autores (2024).

Uma vez caracterizados os anseios iniciais, avaliou-se junto aos egressos se esses tiveram seus objetivos concretizados ao decorrer da trajetória acadêmica. De maneira geral, esses afirmam que as pretensões foram atendidas, inclusive incorporando novos objetivos. Na visão dos egressos, o curso de Agronomia ofereceu a maior parte dos conhecimentos necessários para atuar na área, enquanto consideram que possíveis debilidades podem ser aprendidas na atuação pós-formado. Este é um *feedback* importante para a própria instituição de ensino, que deve ser analisado em conjunto com as críticas e sugestões de melhorias (Tabela 2) apontadas pelos egressos: realizar mais atividades de acompanhamento aos cultivos/criações; oferecer maior contato com os produtores; oferecer mais aulas práticas de laboratório; e oferecer maior contato com as novas tecnologias. Em menor frequência, aparece a ampliação do tempo de estágio; melhoria na didática dos professores; a criação de mecanismos de conhecimento da área e aproximação ao mercado de trabalho e a melhoria de unidades curriculares básicas (como química, matemática etc.). Esses aspectos foram repassados ao núcleo docente estruturante para possível adequação/inserção de atividades futuras. Vale ressaltar que em demais levantamentos com estudantes de Agronomia, geralmente aparecem demandas pelo aumento de atividades práticas, tanto laboratoriais como por meio de visitas às propriedades. Nesse aspecto, durante a realização dessa pesquisa, o curso passou pelo processo de reconhecimento e pela Revisão do PPC. Seguindo as novas exigências legais, a destinação de 10% da carga horária do curso para a curricularização de atividades de extensão poderá trazer importantes contribuições para atender tais demandas.

Tabela 2 - Melhorias apontadas pelos egressos para o curso de Agronomia do IFSC Câmpus São Miguel do Oeste/SC

Melhorias apontadas	Egressos		
	Espaço rural (23)	Urbano (10)	Ligação com área (3)
Oferecer um maior contato com os produtores	87%	70%	66,7%
Realizar mais atividades de acompanhamento aos cultivos/criações	87%	90%	100%
Oferecer maior contato com as novas tecnologias	69,6%	90%	33,3%
Oferecer mais aulas práticas de laboratório	52,2%	70%	66,7%
Melhorias na didática dos professores	21,7%	40%	-
Ampliar o tempo de estágio	21,7%	30%	33,3%
Melhorar as unidades básicas (química, matemática, ...)	4,3%	10%	-
Outro: Criação de mecanismos de conhecimento da área e aproximação ao mercado de trabalho	-	30%	33,3%

Fonte: Elaborada pelos autores (2024).

Sobre as atividades paralelas aos estudos durante a trajetória acadêmica de Agronomia dos estudantes, temos que 11,5% dedicam-se integralmente à graduação, 14,8% a agregam com afazeres domésticos, 26,2% atuam em projeto de pesquisa/extensão, 26,2% desenvolvem atividades paralelas como agricultor, 4,9% com estágio na área e 31,1% dedicam-se à atividade diversa da agropecuária. Algumas dessas atividades são concomitantes, às quais se agregam outras, indicadas com menor frequência pelos estudantes pesquisados. O grupo que se dedica integralmente ao curso ou atua em projetos de pesquisa e extensão evidencia disponibilidade de tempo extra para complementar a formação. Por sua vez, há que se considerar que o grupo que atua como agricultor ou demais atividades laborais demanda atenção para evitar sobrecarga.

Em relação à visualização de seu futuro profissional (Tabela 3), mais da metade dos estudantes com origem no meio rural se vê atuando pós-formado como agricultor. Entre os com vínculo indireto dos pais com a agricultura (não como agricultor), registra-se a intenção de continuar os estudos (especialização, mestrado e doutorado) para ser pesquisador, professor ou especialista na área. Já no grupo sem vínculo dos pais com a agropecuária, destaca-se a pretensão de ser contratado como agrônomo em negócio que presta serviços ao setor (estabelecimentos de vendas, cooperativas, escritório de projetos, empresa de topografia, entre outros) e a atuação em fazenda como agrônomo. Embora algumas atividades alcancem maior expressividade, é importante destacar que pelo menos 85% dos estudantes visualizam duas ou mais atuações profissionais futuras. Por um lado, isso pode sugerir que ainda há imprecisão nesta definição. Por outro, pode significar que o jovem vai identificando possibilidades e tomando suas decisões com as oportunidades que surgem em sua trajetória de vida e formativa. Como se vê nas respostas relativas à mudança de ideia ao longo do curso, isso está ligado a diversos fatores: reflexões durante o tempo de realização do curso (cinco anos), oportunidades empregatícias, demandas familiares, entre outras, que são próprias de cada indivíduo. Sobre esse tema, Aragão (2008) destaca que esse momento da vida é comumente abordado como uma “fase crítica, vulnerável, marcada pela fluidez quanto à dimensão do tempo e pelo deslocamento quando à noção de espaço” (p. 112).

Tabela 3 – Visualizações futuras de possíveis ocupações profissionais dos estudantes de Agronomia do IFSC Câmpus São Miguel do Oeste/SC

Visualização de ocupação futura	Estudantes com origem		
	Espaço rural (39)	Urbano (18)	Ligação com área (4)
Como agricultor (exclusivo, ou junto a outras atividades)	51,3%	11,1%	-

Prestando serviço como agrônomo em negócio autônomo (empresa própria)	38,5%	44,4%	25%
Atuando em uma fazenda, como agrônomo	38,5%	55,6%	50%
Contratado como agrônomo em negócio que presta serviços à agropecuária (empregado)	30,8%	61,1%	25%
Servidor público de assistência técnica e extensão rural ou outro cargo na área	28,2%	44,4%	25%
Continuar estudos na área (pós-graduação), para ser pesquisador, professor ou especialista na área	28,2%	33,3%	75%
Atuando em atividade diversa da agropecuária	28,2%	33,3%	-
Atuando em fazenda como gestor	15,4%	38,9%	25%
Criando empresa própria de vendas para a agropecuária	15,4%	27,8%	25%
Dando prosseguimento ao negócio da família, que presta serviços aos agricultores	12,8%	-	25%
Fazendo outra graduação	10,3%	27,8%	-
Atuando em atividade da agropecuária, mas não como agrônomo	2,6%	11,1%	-

Fonte: Elaborada pelos autores (2024).

Em relação à atividade profissional/educacional que os egressos estavam realizando e/ou se dedicando no momento da pesquisa (Tabela 4), as situações são diversas e a maioria respondeu dedicar-se a mais de uma ocupação. Além de um certo grau de indefinição, dado o curto período de formação, muitas escolhas dependerão das oportunidades e contexto futuro. Quase metade de todos os egressos (44,4%) estava atuando como agricultores (65,2% dos filhos de agricultores e 10% dos urbanos), aos quais se somam outras atuações na área agropecuária. Essa condição pode representar o objetivo final de gerir o empreendimento da família, mas também uma ocupação alternativa temporária enquanto aguardam propostas de emprego atraentes. Entre os que pretendem ficar, o estudo de Heisler, Renk e Bonamigo (2018) destaca que o conhecimento técnico-científico, inclusive de gestão, tende a melhorar a efetividade das atividades e ampliar as possibilidades de construir sua trajetória no espaço rural.

Tabela 4 – Tipo de ocupação e atuação profissional apontada pelos 36 egressos do curso de Agronomia do IFSC Câmpus São Miguel do Oeste quando da aplicação do questionário - 2022

Ocupação/Profissão Egresso	Espaço Rural (23)	Urbano (10)	Ligação com área (3)
Atuo como agricultor (exclusivo, ou junto com as atividades a seguir)	65,2%	10%	-
Atuando em atividade da agropecuária, mas não como agrônomo	26,1%	20%	-
Atuando como vendedor de produtos agropecuários agropecuária (balcão ou campo)	13%	20%	-
Servidor público de assistência técnica e extensão rural ou outro cargo na área	13%	-	-
Trabalhando no lugar que fiz o meu estágio final de curso	8,7%	40%	-
Atuando fora da atividade agropecuária	8,7%	10%	66,7%
Desempregado	8,7%	-	33,3%
Dei prosseguimento ao negócio da família, que presta serviços aos agricultores	4,3%	-	-

Contratado como agrônomo em negócio que presta serviços à agropecuária (loja, cooperativa, escritório, empresa etc.)	4,3%	10%	-
Atuando em uma fazenda, como agrônomo/gestor	4,3%	10%	-
Continuando os estudos na área (especialização, mestrado e doutorado), para ser pesquisador e/ou professor na área	-	40%	-
Presto serviço como agrônomo em negócio autônomo (empresa própria)	-	30%	-
Criei empresa própria de vendas para a agropecuária	-	10%	-

Fonte: Elaborada pelos autores (2024)

3.2 Aprofundando a análise das escolhas de ocupação profissional, o processo sucessório de unidades agropecuárias e questões de gênero

Na caracterização do perfil das famílias dos estudantes e egressos, com ao menos um dos pais agricultores, predominam os detentores de área própria, na maioria titulada em nome dos pais. Há algumas famílias em que parte ou toda a área está no nome dos acadêmicos (estudantes e egressos no caso) ou dos avós. Seguindo as informações quanto à origem, há de se destacar que a ampla maioria dessas unidades agropecuárias estão localizadas na Região Extremo Oeste Catarinense. Em relação ao tamanho das áreas utilizadas (próprias e por outras formas de acesso), a média é de 47 ha e a mediana é de 28,5 ha, o que condiz com o histórico de ocupação da região, caracterizado pela divisão das áreas em pequenas propriedades (Bavaresco; Franzen; Franzen, 2013). Destaca-se que 25,6% dos estudantes e 26,1% dos egressos acessam áreas por arrendamento e parceria, computados na média e mediana apresentadas, o que indica que a média de áreas próprias é menor. O acesso à terra por essas formas está presente na ampla maioria dos egressos de agronomia que vão seguir como agricultores, o que amplia as áreas e contribui para otimizar o parque de máquinas e ampliar a renda das famílias (Castaman; Capellesso; Dalbosco, 2023).

Sobre a dinâmica da residência e ocupação da família durante o curso, 78,3% dos egressos filhos de agricultores moravam no espaço rural (ou próximo à propriedade); 13% tinham seus pais/familiares morando no estabelecimento e o egresso teve que se mudar de cidade para estudar; 4,3% já moravam na cidade quando começaram o curso; e 4,3% residiam na propriedade rural ou próximo, tendo terras, mas os pais não atuavam mais como agricultores. Já entre os estudantes, os que moravam no espaço rural (ou próximo à propriedade) ao longo do curso, eram 56,4%. Isso porque cresceu o número de participantes que respondeu que teve que mudar de cidade para estudar (33,3%), enquanto os pais/familiares ficaram na agricultura; só 10,3% já moravam na cidade quando começaram o curso, enquanto os pais seguiam na atividade. Parte desta diferença entre egressos e estudantes está relacionada ao local de origem, visto que aumentou a proporção de estudantes que vieram de cidades mais distantes do município de São Miguel do Oeste/SC, destacada no tópico anterior.

Entre os egressos que migraram para cursar Agronomia, três voltavam aos finais de semana para casa/propriedade. Entre eles há impactos opostos: a) perda de vínculos e de trocas com os pais; b) manutenção de um nível igual de envolvimento; e c) pais ficarem mais receptivos às ideias adquiridas no curso. Para aumentar a amostra, incluiu-se os estudantes ativos, que tiveram que se mudar para fazer o curso (13), dos quais: 38,5% voltavam toda semana para casa/propriedade, 46,1% a cada 15 dias, 7,7% a cada mês e 7,7%, em intervalos maiores que 30 dias. Entre esses, não foram relatadas diferenças de envolvimento na gestão das propriedades decorrente dos diferentes espaços de tempo das visitas aos pais: para 38,5% o envolvimento manteve-se, para 30,8% os pais ficaram mais receptivos e, também, para 30,8%, o menor contato gerou perda de vínculos e de troca com os pais. Contudo, o fato de muitos egressos e estudantes não precisarem sair de suas unidades agropecuárias para fazer o curso pode contribuir de forma significativa para que haja uma viabilização do processo sucessório. O contato contínuo permite apresentação gradativa das ideias, em que o pensar/planejar

das propriedades pode estimular o diálogo familiar. Nessa direção, Breitenbach e Corazza (2019) afirmam que a formação profissional nas áreas agrônômicas estimula a possibilidade desses se tornarem sucessores.

Entre os 23 egressos oriundos do espaço rural, 26,1% responderam que antes do início do curso as famílias já haviam chegado à decisão sobre a existência ou não do sucessor e quem o seria, 26,1% durante, restando 47,8% para os quais permanece a indefinição (Tabela 5). Entre os indecisos, em uma família não se conversava sobre sucessão devido à presença de filhos ainda pequenos, enquanto 8,7% destacam que o curso contribuiu para iniciar o diálogo. Ao final do curso, a indefinição permanecia em 43,5% dos casos, 8,7% em passagem dos avós aos pais do egresso, restando 17,4% que não tinham perspectivas de sucessão. Em sete dos 23 estabelecimentos (30,4%) havia um sucessor totalmente definido, sendo o agrônomo formado em 26,1% do total de egressos oriundos do espaço rural: cinco em tempo integral e um em tempo parcial, sendo que no outro caso, o irmão é quem seria o sucessor. Já entre as famílias em que a sucessão está indefinida ou em passagem dos avós aos pais, mais seis egressos (26,1%) pretendiam ficar, o que totaliza 52,2% dos oriundos do espaço rural.

Em termos de configuração familiar, a grande maioria dos egressos e estudantes tem pai e mãe vivos e residentes nas unidades agropecuárias. Esses atuam como agricultores e apresentam faixa etária entre 30 e 59 anos, dado que é condizente com a informação presente no Censo Agropecuário para a região. Como ainda estão ativos em suas atividades e há diversos casos com presença de irmãos, as definições sobre o processo sucessório acabam sendo postergadas. Associado à gestão pelos pais, existem casos de falta de diálogo e de planejamento em relação ao futuro em muitas famílias. A isso, soma-se o relato da resistência desses pais em aceitar o futuro sucessor nos processos decisórios. Já nos casos em que o sucessor já está definido, a maioria será o próprio egresso, o que demonstra a importância em se manter o processo formativo para atender também este público.

Tabela 5 – Situação da sucessão nas 23 unidades agropecuárias dos egressos do curso de Agronomia do IFSC Câmpus São Miguel do Oeste/SC.

Situação	Nº de unidades agropecuárias	%	Sucessor Definido			Egresso Pretensão de ficar
			Egresso em tempo		Irmão do Egresso	
			Integral	Parcial		
Sucessão dos avós aos pais	2	8,7%	-	-	-	1*
Sem definição do sucessor	10	43,5%	-	-	-	6*
Não terá sucessor	4	17,4%	-	-	-	-
Sucessor definido	7	30,4	5	1	1	-

Fonte: Elaborada pelos autores (2024).

Nota: * Presença de irmãos que também pretendem ficar ou que são muito pequenos para tomar essa decisão, o que torna a sucessão ainda indefinida.

Enquanto persistem 43,5% de indefinições quanto ao sucessor, os dados sugerem que a trajetória acadêmica interfere na dimensão psicológica do estudante e na relação familiar. O curso foi apontado como fator de crescimento do poder de fala no processo decisório sobre as questões administrativas e produtivas por 56,5% dos egressos, tanto entre os que pretendiam ficar quanto os que iriam sair; 8,7% assumiram totalmente a responsabilidade do empreendimento; e 34,8% não visualizavam mudanças em relação ao início do curso. Demonstrando essa participação, durante a trajetória acadêmica dos egressos, 47,8% alteraram e/ou introduziram novas atividades produtivas, 47,8% mantiveram, enquanto 4,3% relatam que não houve aceitação da família para essa alteração.

O acesso aos conhecimentos durante a trajetória acadêmica oferece novas bases sobre a decisão de ficar ou sair das propriedades rurais. Em 56,5% dos casos, os egressos mudaram de ideia sobre o tema durante o curso, 34,8% pretendiam ficar e resolveram sair; e 21,7% encontraram nessa trajetória razões para ficar. Já outros 30,4% sempre quiseram ficar e 13% sair, mantendo essas decisões durante a graduação.

Em relação às razões elencadas pelos 11 egressos (47,8% dos oriundos do espaço rural) como motivadoras para se preparar para sair, destacam-se: os limites no tamanho das áreas (54,5%); baixa disponibilidade de máquinas, implementos e investimentos na atividade (45,5%); a visualização de mais oportunidades de trabalho externas (45,5%); a questão da falta de diálogo com a família (27,3%); incertezas quanto ao processo de partilha e existência de outro sucessor (18,2%); restando um que destaca não gostar do trabalho na agropecuária. Já entre as razões apontadas pelos doze egressos (52,2%) para ficar destacam-se: o gosto pela atividade agropecuária (66,7%); condições de área e topografia favorável à atividade que quer desenvolver (58,5%); boa infraestrutura de máquinas, investimentos em estrutura física; a não visualização de boas oportunidades empregatícias externas; a possibilidade de conciliar trabalho externo e atuação na propriedade.

Enquanto os limites de área são apontados por 26,1% dos egressos oriundos do espaço rural como uma motivação para a saída, 66,7% entendem que a partilha da área por herança não é um fator que compromete a sucessão. Entre os demais, registra-se a divisão desigual em favor de quem será o sucessor, a compensação da queda da renda com uso da pluriatividade ou de atividades mais intensivas no uso da terra. Entre os egressos com irmãos, 27,8% vão favorecer quem ficar na propriedade com parcela maior de área, 27,8% terão distribuição equivalente e 44,4% ainda não definiu os critérios de partilha. Se a divisão não é apontada como entrave, os limites de área são apontados como principal motivo de saída, o que pode indicar que a área era reduzida mesmo antes da possível divisão. Neste sentido, destaca-se que a área média das unidades agropecuárias dos egressos que optaram por sair é de 37,7 ha, enquanto os que optaram por ficar é de 41,3 ha. Em que pese esta pequena distinção, existem características das terras e das atividades produtivas desenvolvidas que impactam na organização da produção e renda gerada.

Entre os que apontam limitação de áreas, parte delas é composta de Área de Preservação Permanente (APP) ou Reserva Legal, o que pode restringir a área útil e limitar algumas atividades produtivas. Entre as atividades econômicas executadas que mais ocupam áreas das unidades destacam-se o cultivo de lavouras e de pastagens, poteiros, seguidas de outras atividades com menor expressão, como olericultura, piscicultura e fruticultura. Em termos de movimentação econômica, o valor do total de receitas é bastante variável, a depender das atividades econômicas das unidades agropecuárias. Três egressos não informaram a movimentação econômica em função da falta de conhecimento, o que indica baixo envolvimento na gestão financeira do estabelecimento e sua associação com a saída. Entre os outros 20, a renda bruta da produção média dos egressos que saíram ficou em R\$131.428,00 anuais, enquanto entre os que ficaram foi de R\$469.271,30 anuais (Tabela 6). Embora esses valores possam ser afetados pelo número de membros da família e a pela rentabilidade das atividades, este é um importante elemento no processo sucessório. Em complemento, o egresso avalia a relação entre a renda atual e os impactos da saída da propriedade, especialmente, sobre a mão de obra. Isso porque a saída da propriedade pode impactar na renda da agropecuária, podendo a renda externa ser um valor a mais ou representar uma substituição da que deixa de auferir via atividade agropecuária.

Tabela 6 – Opções dos 23 egressos do curso de Agronomia do IFSC Câmpus São Miguel do Oeste/SC quanto a ficar ou sair de suas unidades agropecuárias vinculadas à movimentação econômica anual informada.

Opção do egresso (23)	%	Média da movimentação econômica anual
Ficou e sempre quis ficar	30,4	R\$458.542,60
Ficou, mas antes pretendia sair (mudou de ideia)	21,7	R\$480.000,00
Saiu e sempre quis sair*	13,1	R\$100.000,00
Saiu, mas pretendia ficar (mudou de ideia)**	34,8	R\$162.857,14

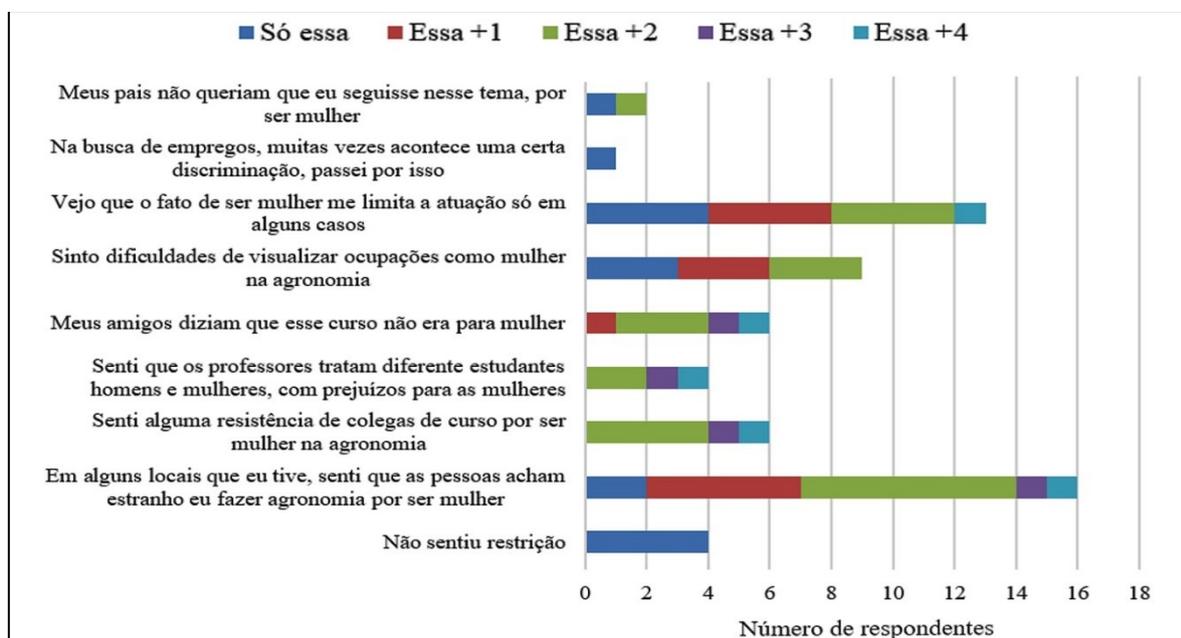
Fonte: Elaborada pelos autores (2024).

Notas: * 2 egressos que saíram e sempre quiseram sair não informaram o valor de movimentação econômica anual. **1 egresso que saiu, mas pretendia ficar não informou o valor de movimentação econômica anual.

No que tange as atividades que geram receitas para as unidades agropecuárias, a bovinocultura leiteira está presente em quase 75% dos estabelecimentos. Contudo, a contribuição desta atividade na movimentação econômica total é bastante variável. Outras atividades relatadas com maior frequência são a produção de soja e de milho em grãos, o que inclusive pode ter relação com a bovinocultura leiteira e de corte (essa última com menor frequência). Em relação ao gosto pelas atividades desenvolvidas nas unidades agropecuárias, que poderia interferir na decisão de ficar ou partir, 87% dos egressos oriundos do espaço rural relatam gostar das atividades. Logo, não aparenta ser um fator limitante em termos de decisão para a não sucessão.

Em termos de questões de gênero foi possível perceber uma distinção importante da composição entre os egressos e atuais estudantes. A proporção de estudantes do sexo masculino representou 83% dos egressos (duas primeiras turmas), enquanto entre os estudantes foi de 59%. O crescimento do número de acadêmicas também ocorre em outros cursos de Agronomia do país. Em que pese esse avanço no acesso, 84% das acadêmicas e 100% das egressas relataram ao menos uma situação em que sentiram tratamento diferenciado de gênero ao cursar Agronomia (Figura 3). As seis egressas e 25 estudantes destacam elementos anteriores ao ingresso, fatos durante o curso e posteriores. Somente 12,9% relatam não ter percebido essas restrições. Em um caso (6,5%) os pais não queriam que ela cursasse Agronomia por ser mulher. Em 19,4%, os amigos diziam que Agronomia não era para mulher, sendo que 51,6% vivenciaram preconceito similar em outros espaços da sociedade. A resistência e diferenciação dos colegas do curso foi apontada em 19,4% dos casos, situação mais presente entre as egressas (primeiras turmas, em que elas eram minoria). O entendimento de diferenciação pelos(as) professores(as) foi apontado por egressas, em 15,4% do total. Esses dados corroboram estudos sobre os preconceitos de gênero presentes na profissão (Carneiro; Vilcock; Matte, 2022).

Figura 3 – Restrições vivenciadas e apontadas por 31 egressas e estudantes de Agronomia relacionadas ao fato de ser mulher.



Fonte: Elaborada pelos autores (2024).

Nota: em cada alternativa está destacado se a estudante respondeu só aquela alternativa ou quantas outras juntas.

A diferenciação de gênero é apontada como uma dificuldade para acessar ocupações profissionais na área por 29% das egressas e estudantes, sendo que 41,9% veem restrições para atuação só em algumas áreas. No caso específico de situações vivenciadas somente pelas egressas, 50% apontaram alguma restrição para atuar como agrônoma, sendo duas na recusa de estágio e uma na resistência e visualização de dificuldades para atuar na área, inclusive no estágio.

Das egressas, 50% estavam atuando como agricultoras e 50% trabalhando no local onde fizeram o estágio. Das agricultoras que tinham vínculo com o espaço rural ao iniciar o curso (33%), a trajetória acadêmica contribuiu para aumentar a participação no processo decisório de quem não tinha espaço. Outro ponto importante é que, apesar do curso ter promovido o diálogo sobre sucessão, nenhuma delas está definida como sucessora. Vale destacar que Breitenbach e Corazza (2019) relatam que existem fortes relações de aspectos subjetivos que motivam a decisão de escolha da área de atuação profissional, como o caráter emocional relacionado a laços familiares e de gênero, sendo as mulheres menos incentivadas a permanecer. Em relação a isso, pode haver alguma conexão com o fato de que todas possuem irmãos que pretendem ficar ou mais novos. Em que pese não ser apontada por todas as mulheres do curso, os dados evidenciam que o preconceito de gênero na Agronomia persiste em diferentes espaços da sociedade. O tratamento desse tema precisa ser incluído nos espaços de reflexão do curso, com vistas a reduzir tais restrições.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do perfil dos estudantes de Agronomia do IFSC Câmpus São Miguel do Oeste evidencia que esses são predominantemente oriundos de municípios situados a um raio de 60 quilômetros de onde ocorre a oferta do curso, demonstrando a importância da interiorização da rede federal. Sobre a dinâmica de ocupação e residência, alguns estudantes de municípios mais distantes migram para São Miguel do Oeste durante os estudos, enquanto a maior parte reside próximo ao câmpus e mantém o trajeto casa-escola diário, residindo com seus familiares. Esse segundo caso predomina entre filhos de agricultores, o que lhes permite conciliar o trabalho na atividade com os estudos, melhorando as propriedades da família enquanto refletem sobre ficar ou partir. Os estudantes sem pais agricultores possuem diferentes perfis de ocupação paralela aos estudos e pretensões profissionais. Sobre o perfil dos acadêmicos, nas novas turmas, verificou-se aumento da participação de mulheres. Em paralelo a isso, destacam-se os relatos de restrições/preconceitos ligados ao fato de ser mulher e estar cursando Agronomia em diferentes grupos do curso e da sociedade.

Os estudantes e egressos que acessam o curso de Agronomia do IFSC - Câmpus São Miguel do Oeste são: a) filhos de agricultores; b) de famílias com algum vínculo de negócio ou trabalho com o setor; o c) sem ligação com o setor agrícola. Entre as razões para a escolha do curso nesses três grupos destacam-se: elementos ligados ao objetivo de atuação profissional futura como agrônomo, as oportunidades de trabalho diante da dinâmica econômica do setor, gosto por algum tema do curso e o fato desse ser gratuito. De forma mais específica, os filhos de agricultores destacam a possibilidade de se preparar para ser agricultor e melhorar o negócio da família.

Quanto aos objetivos de atuação profissional futura, evidenciam-se anseios comuns e específicos nos três grupos, predominando os anseios de atuar como agrônomo e como vendedor em empresas próprias, serem contratados por empresas privadas, fazendas e o concurso público para assistência técnica e extensão rural. Entre os que já concluíram o curso, registram-se ocupações profissionais distintas, com destaque para a atuação como agricultor no grupo com vínculo com o espaço rural. Por terem concluído seu curso recentemente, verifica-se um elevado grau de incerteza quanto à atuação profissional. Mesmo entre quem atua externamente, a grande maioria não tem registro ativo no CREA, o que indica que não assinam projetos. Em que pese seu curto período de atuação no estágio e como profissionais, os egressos avaliam que o curso está sendo efetivo no atendimento das demandas, e que as debilidades podem ser sanadas/aprendidas na trajetória pós-formado.

Especificamente sobre os pesquisados do espaço rural, foi possível verificar que cerca de 50% dos oriundos de famílias agricultoras pretendem ficar, especialmente, entre as famílias com valor médio da produção mais elevado. Este trabalho evidencia a importância de agregar o empreendedorismo na formação dos estudantes, bem como de focar em atividades com melhor rentabilidade, já que as propriedades são pequenas. Os dados apontam que o curso tem contribuição para melhorar a tomada de decisão de ficar ou partir, já que metade dos estudantes filhos de agricultores mudaram de decisão nesse tema ao longo do curso. Neste sentido, as principais razões que levam a ficar foram o gosto pela atividade agropecuária; condições de área e topografia favorável à atividade que quer desenvolver; boa infraestrutura de máquinas, investimentos em estrutura física favorável; e gosto pelas atividades agrícolas/pecuária. As razões para partir foram os limites no tamanho das áreas; baixa disponibilidade de máquinas e implementos e investimentos na atividade; a visualização de mais oportunidades de trabalho externas; e a questão da falta de diálogo com a família.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Elizabeth Fiuza. Os sentidos do trabalho para os jovens universitários. **O público e o privado**, v. 6, n. 11 jan. jun, p. 109-121, 2008. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/2379>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- BAVARESCO, Paulo Ricardo; FRANZEN, Douglas Oreses; FRANZEN, Tiones Ediel. Políticas de colonização no extremo oeste catarinense e seus reflexos na formação da sociedade regional. **Revista Trilhas da História**, v. 3, n. 5, p. 86-104, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/445>. Acesso em: 02 ago. 2021.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. **Sistema e-MEC**. 2021. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 16 ago. 2021
- BREITENBACH, Raquel; CORAZZA, Graziela. Formação profissional e a relação com a sucessão geracional entre jovens rurais, Brasil. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 17, n. 2, 1-34, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11600/1692715x.17212>.
- CARNEIRO, Ranna Botelho; VILLWOCK, Ana Paula Schervinski; MATTE, Alessandra. Inserção e atuação profissional das engenheiras agrônomas: desafios e estratégias. **Mundo Agrario**, v. 23, n. 53, e194, 2022. DOI: <https://doi.org/10.24215/15155994e194>.
- CASTAMAN, Gabriel Lamb; CAPELLESSO, Adinor José; DALBOSCO, Cherilo. O acesso à terra por arrendamento e parceria como estratégia de geração de trabalho, renda e permanência no campo entre agricultores residentes em municípios do extremo oeste catarinense. In: SEMINÁRIO TRABALHO E TRABALHADORES NA AMÉRICA LATINA E CARIBE, 4., 2023, Foz do Iguaçu. **Anais [...]**. Foz do Iguaçu: Universidade Federal da Integração Latino-Americana, 2023.
- CONFEA – CONSELHO FEDERAL DE ENGENHARIA, ARQUITETURA E AGRONOMIA. **Relatório de Profissionais por Grupo**. Brasília, DF: CONFEA, 2021 Disponível em: <https://relatorio.confea.org.br/Profissional/RegistrosPorGrupo>. Acesso em: 01 ago. 2021.
- HEISLER, Lenoir; RENK, Arlene Anélia; BONAMIGO, Irme Salete. Estratégias de reprodução social no rural da microrregião de Pinhalzinho (SC). **Extensão Rural**, v. 25, n. 2, p. 31-51, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/extensaorural/article/view/30160>. Acesso em: 01. ago. 2021.
- IBGE. **Censo Agropecuário 2006**: Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. 777p. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/51/agro_2006.pdf. Acesso em: 26 jul. 2021.

IBGE. **Censo Agropecuário 2017**: resultados definitivos. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3096/agro_2017_resultados_definitivos.pdf. Acesso em: 28 jul. 2021.

MELLO, Márcio Antonio; DORIGON, Clovis; FERRARI, Dilvan Luiz; TESTA, Vilson Marcos; ABRAMOVAY, Ricardo; SILVESTRO, Milton Luiz. Sucessão hereditária e reprodução social da agricultura familiar. **Revista de economia agrícola**, São Paulo, v. 50, p. 11-24, 2003. Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/out/publicacoes/pdf/asp-1-03-2.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2021.

SILVA, Cláudio Cesar da. **A contribuição dos cursos de formação profissional do SENAR na qualificação dos trabalhadores rurais**: um estudo no município de Brasilândia-MS. 2008. Dissertação (Mestrado em Agronegócios UFMS). Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/865>. Acesso em: 3 ago. 2021.

SILVESTRO, Milton Luiz; ABRAMOVAY, Ricardo; MELLO, Márcio Antonio de; DORIGON, Clovis; BALDISSERA, Ivan Tadeu. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Epagri; Brasília: Nead/Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001.